

**HISTÓRIA  
DO  
MUNDO  
EM  
12 MAPAS**  
JERRY BROTTON

**70**

# Índice

<i>Lista de figuras</i> .....	11
<i>Lista de ilustrações</i> .....	15
<b>Introdução</b> .....	21
1. Ciência: A <i>Geografia</i> de Ptolomeu, c. 150 d.C. ....	39
2. Intercâmbio: Al-Idrīsī, 1154 d.C. ....	79
3. Fé: O Mapa-múndi de Hereford, c. 1300 .....	111
4. Império: O Mapa do Mundo Kangnido, 1402.....	145
5. Descoberta: Martin Waldseemüller, Mapa do Mundo, 1507 .....	181
6. Globalismo: Diogo Ribeiro, Mapa do Mundo, 1529 .....	225
7. Tolerância: Gerardo Mercator, Mapa do Mundo, 1569.....	261
8. Dinheiro: Joan Blaeu, <i>Atlas maior</i> , 1662 .....	307
9. Nação: A Família Cassini, Mapa de França, 1793 .....	345
10. Geopolítica: Halford Mackinder, «O Eixo Geográfico da História», 1904....	393
11. Igualdade: A Projeção de Peters, 1973.....	433
12. Informação: Google Earth, 2012.....	469
Conclusão: O Olho da História? .....	507
<i>Notas</i> .....	517
<i>Agradecimentos</i> .....	553
<i>Índice remissivo</i> .....	557

## Introdução

*Sippar (Tell Abu Habbah, atual Iraque), século VI a.C.*

Em 1881, Hormuzd Rassam, arqueólogo nascido no Iraque, descobriu um pequeno fragmento de uma tabuinha de argila com escrita cuneiforme com 2500 anos nas ruínas da antiga cidade babilônica de Sippar, hoje denominada Tell Abu Habbah, no arredor sudoeste da atual Bagdade. A tabuinha era apenas uma de quase 70 mil desenterradas por Rassam ao longo de 18 meses e enviadas para o Museu Britânico, em Londres. A missão de Rassam, inspirada por um grupo de assiriólogos ingleses que tentava decifrar a escrita cuneiforme, era descobrir uma tabuinha que oferecesse uma descrição histórica do Dilúvio bíblico.<sup>1</sup> Inicialmente, a tabuinha foi preterida a favor de exemplares mais impressionantes e completos. Isso aconteceu em parte porque Rassam, que não sabia ler a escrita cuneiforme, não tinha consciência da sua importância, reconhecida apenas no fim do século XIX, quando o texto foi traduzido com êxito. Atualmente, encontra-se exposta ao público no Museu Britânico, identificada como «O Mapa do Mundo Babilônico». É o primeiro mapa do mundo de que temos conhecimento.

A tabuinha descoberta por Rassam é o mais antigo objeto conhecido a oferecer-nos uma perspectiva do mundo inteiro num plano, como se estivéssemos a olhar para a Terra a partir do céu. O mapa é composto por dois anéis concêntricos, com uma série de círculos, retângulos e curvas aparentemente aleatórios, todos centrados num orifício feito, ao que parece, por um compasso primitivo. Distribuídos de forma uniforme

em redor do círculo exterior encontram-se oito triângulos, mas apenas cinco continuam legíveis. Só quando o texto cuneiforme é decifrado é que a tabuinha começa a fazer sentido como mapa.

O círculo exterior é designado de «marratu», ou «mar salgado», e representa um oceano que rodeia o mundo habitado. Dentro do anel interior, o retângulo curvo mais saliente que atravessa o orifício central representa o rio Eufrates, que nasce num semicírculo no norte denominado «montanha» e termina no retângulo horizontal sul descrito como «canal» e «pântano». O retângulo que atravessa o Eufrates, rotulado de «Babilónia», encontra-se rodeado de um arco de círculos representando cidades e regiões, incluindo Susa (no sul do Iraque), Bit Yakin (um distrito da Caldeia, perto de onde nasceu o próprio Rassam), Habban (terra da antiga tribo cassita), Urartu (Arménia), Der e Assíria. Os triângulos que saem do círculo exterior do mar são rotulados de «nagu», que pode ser traduzido por «região» ou «província». Ao lado encontram-se legendas obscuras descrevendo distâncias (como «seis léguas entre as quais o sol não é visto»)<sup>2</sup> e animais exóticos — camaleões, íbex, zebus, macacos, avestruzes, leões e lobos. São espaços desconhecidos, lugares distantes e míticos para além dos limites circulares do mundo babilónico conhecido.

O texto cuneiforme no topo e verso da tabuinha revela que estamos perante algo mais do que apenas um mapa da superfície da Terra: trata-se de um diagrama abrangente da cosmologia babilónica, tendo o mundo habitado como sua manifestação. Os curiosos fragmentos contam o mito da criação, resultante da batalha entre os deuses babilónicos Marduk e Tiamat. Na mitologia babilónica, a vitória de Marduk sobre o que a tabuinha denomina «deuses arruinados» levou à criação do Céu e da Terra, da humanidade e da língua, todos centrados na Babilónia, construída «sobre o mar irrequieto». A tabuinha, feita com o barro da Terra, é uma expressão física dos feitos míticos de Marduk, da criação da Terra e das conquistas posteriores da civilização humana, formada a partir do caos aquático primordial.

As circunstâncias da criação da tabuinha permanecem obscuras. O texto no verso da tabuinha identifica o seu escriba como descendente de alguém chamado «Ea-bēl-ilī», da antiga cidade de Borsippa (Birs Nimrud), a sul de Sippar, mas por que razão foi feita e para quem continua a ser um mistério. No entanto, podemos afirmar que este é um dos exemplos mais antigos de um dos objetivos mais básicos da inteligência

humana: impor alguma ordem e estrutura ao espaço imenso e aparentemente ilimitado do mundo conhecido. Além da descrição simbólica e mítica das origens do mundo, o mapa da tabuinha apresenta uma abstração da realidade terrestre. Abrange a Terra categorizando-a em círculos, triângulos, retângulos e pontos, unindo escrita e imagem numa representação do mundo em cujo centro se encontra a Babilónia. Mais de oito milénios antes do sonho de contemplar a Terra a partir do espaço sem fim se tornar uma realidade, o mapa do mundo babilónico oferecia aos seus observadores a oportunidade de olhar para o mundo de cima para baixo, adotando uma perspetiva divina sobre a criação terrestre.

Mesmo nos dias de hoje, o viajante mais empenhado nunca poderá esperar conhecer mais do que uma fração da superfície da Terra, que tem mais de 510 milhões de quilómetros quadrados. No mundo antigo, até mesmo uma viagem de curta distância era uma atividade rara e difícil, geralmente empreendida com relutância e certamente temida por aqueles que a faziam.<sup>3</sup> «Ver» as dimensões do mundo reproduzidas numa tabuinha de argila que media apenas 12 por 8 centímetros devia ter sido impressionante, até mesmo mágico. «Isto é o mundo», diz a tabuinha, e a Babilónia é o mundo. Para os que se consideravam parte da Babilónia, representava uma mensagem reconfortante. Para os que a viam e não faziam parte, a descrição do poder e domínio babilónicos era inequívoca. Não admira que desde os tempos antigos o tipo de informações geográficas transmitido por objetos como a tabuinha babilónica fosse um exclusivo da elite mística ou dirigente. Como veremos ao longo deste livro, para os xamãs, sábios, governantes e líderes religiosos, os mapas do mundo conferiam uma autoridade arcana e mágica aos seus criadores e proprietários. Se essas pessoas compreendiam os segredos da criação e a extensão da humanidade, deviam certamente saber como dominar o mundo terrestre em toda a sua terrível e imprevisível diversidade.

Embora o mapa do mundo babilónico traduza a primeira tentativa conhecida de representar todo o mundo conhecido, é um exemplo relativamente recente de cartografia humana. Os exemplos mais antigos que conhecemos de arte pré-histórica mostrando a paisagem sobre um plano foram gravados em pedra ou barro 25 000 anos antes do mapa do mundo babilónico; remontam ao período Paleolítico Superior de 30 000 a.C. Estas inscrições primitivas, muito debatidas por arqueólogos quanto à

sua data e significado, parecem representar cabanas com figuras humanas, cercas de gado, divisões entre habitações básicas, demarcações de territórios de caça e até rios e montanhas. A maioria é tão discreta que poderá facilmente ser confundida com tentativas geométricas abstratas de representar a distribuição espacial de objetos ou acontecimentos, quando na verdade são provavelmente marcas mais simbólicas, associadas a indecifráveis referências míticas, sagradas e cosmológicas para sempre perdidas. Atualmente, os arqueólogos são mais cautelosos do que os seus antecessores do século XIX ao atribuir o termo «mapa» a estas peças primitivas de arte rupestre; estabelecer uma data precisa para o surgimento da arte rupestre pré-histórica parece tão inútil como determinar o momento em que um bebé aprende a diferenciar-se espacialmente do seu ambiente imediato.<sup>4</sup>

A vontade de criar mapas é um instinto humano básico e antigo.<sup>5</sup> Onde estaríamos sem mapas? A resposta seria, evidentemente, «perdidos», mas os mapas oferecem respostas a muitas mais perguntas do que apenas à de saber como nos deslocarmos de um lugar para outro. A partir da primeira infância, começamos a definir-nos em relação ao mundo físico mais vasto processando informações espacialmente. Os psicólogos chamam a esta atividade «mapeamento cognitivo», o processo mental através do qual os indivíduos adquirem, organizam e recordam informações sobre o seu ambiente espacial e desse modo se diferenciam e definem espacialmente em relação a um mundo «exterior» imenso, assustador e desconhecido.<sup>6</sup> Este tipo de mapeamento não é um exclusivo dos seres humanos. Os animais também usam processos de mapeamento, como a demarcação de território pelo odor feita pelos cães ou lobos ou a localização de néctar a partir de uma colmeia definida pela «dança» da abelha.<sup>7</sup> Mas só os seres humanos deram o salto fundamental do mapeamento mental para a *criação* de mapas.<sup>8</sup> Com o surgimento de métodos gráficos de comunicação permanentes há mais de 40 mil anos, os seres humanos desenvolveram a capacidade de traduzir informações espaciais efémeras para formas permanentes e reproduzíveis.

Então o que é um mapa? A palavra «mapa» (e seus derivados) é usada em várias línguas europeias modernas como o castelhano, português e polaco e vem do termo latino *mappa*, que significa toalha de mesa ou guardanapo. A palavra francesa para mapa — *carte* — tem origem noutra